

As filhas de Pandora – as mulheres, o tempo e a cultura

Ivía Alves, UFBA

O livro *As filhas de Pandora*, de Rosana Ribeiro Patricio, é um estudo crítico que destaca as “imagens de mulher na ficção de Sonia Coutinho.” A ensaísta demonstra como a ficcionista vê, lê e registra as mudanças e questionamentos culturais de uma geração que se identificou com as propostas feministas. E como, no decorrer do tempo, sem perder de vista o tema central: a mulher de classe média em crise com os modelos e papéis tradicionais e em busca de suas próprias soluções, seus questionamentos entre o campo profissional e o campo afetivo vão se sucedendo.

As personagens de Sonia Coutinho são de classe média, e se dividem em dois grupos diversos: aquelas que seguiram a condição de ser mulher, ter família e filhos; e outro nicho, no qual elas trabalham fora do espaço doméstico, têm instrução superior e vivem a crise de casamentos desfeitos ou insatisfatórios, ou mesmo escolheram ser solteiras. Desencantadas com a fantasia do final feliz dos romances amenos sobre o casamento, chegam à conclusão de que o modelo tradicional (o modelo de suas mães) não lhes é adequado. Sentem-se, então, inadequadas ou sem possibilidades de romper com os vínculos sociais e culturais a fim de partir para uma vida liberada, inde-

pendente financeiramente. Ao final, encontram-se, de uma forma ou de outra, sozinhas.

A ensaísta constrói uma estrutura no seu texto interpretativo que contempla os principais constituintes da narrativa: 1) as protagonistas, em idade de trinta ou quarenta anos, em suas crises; 2) investe também no afetivo de suas amigas (variantes do mesmo tema e da crise) que mesmo casadas se projetam no tédio; 3) analisa a narrativa em fragmentos, com idas e vindas, que não segue a ordem cronológica dos fatos; 4) observa o uso frequente da intertextualidade (inclusive com representações de atrizes e modelos da juventude); 4) verifica que os textos de Coutinho, através da narradora, questiona e desestabiliza a categoria do narrador(a).

A ensaísta dá voz aos personagens quase sempre iniciando cada parte do seu longo estudo pela retrospectiva interiorizada dessas protagonistas que fazem um balanço de sua vidas, focando suas experiências, seus traumas, suas famílias e modelos. Com isso, o estudo mostra como elas vêm a tomar consciência de suas não-identidades, do desencanto com seus papéis sociais idealizados pela cultura ocidental burguesa capitalista, e como foram reprimidos os seus desejos.

Os procedimentos analíticos eleitos por Rosana Ribeiro Patrício dão conta da vida das protagonistas, pois a análise em perspectiva psicanalítica contempla a formação traumática, os ditos e interditos, a internalização dos modelos paternos e maternos e o vazio existencial em que se encontram no momento, na maturidade, momento no qual a narrativa de cada romance ou do conto se inicia. A estudiosa explora, ainda, o uso, pela escritora, da intertextualidade profusa e cheia de alusões às culturas ocidental e afro-baiana inscritas como um segundo patamar de interpretação e de criação de significados e nexos.

Todos os três livros analisados apresentam inúmeras alusões, insinuações a outros textos lidos ou do conhecimento do povo. Não é por acaso que a geração de Sonia Coutinho foi a primeira a romper com a dicotomia: classe média (branca, letrada, burguesa) e o saber do povo (negra, ritos, mitos e hábitos orais, popular e pobre). É desse atrito entre as duas culturas (hibridismo) que se forjam as mulheres protagonistas, todas elas de origem baiana e migradas para o Rio de Janeiro, cidade cosmopolita e diversificada pelas várias culturas ali existentes. Rosana Patrício aponta esse entrelaçamento entre a vida existencial das protagonistas na cidade cosmopolita e do lugar de onde elas falam, lugar marcado pelo hibridismo cultural baiano.

Em seguida, os ensaios trabalham com a desestabilização da narrativa, com o contradiscurso construído pelas narrativas de autoria feminina e mesmo com os vários tipos

de narradores/autores que constroem uma narrativa acronológica, fragmentada, com várias inserções de pontos de vista diferentes, rompendo com a narrativa linear, um narrador onisciente e que controla a verdade e o ato de contar.

O leitor sai da leitura de *As filhas de Pandora* mais consciente da complexa elaboração das narrativas de Sonia Coutinho que, curiosamente, através de suas protagonistas vai coexistindo com o tempo de amadurecimento da escritora. Mesmo caminhando no tempo e em tempos de mudanças, a dificuldade de suas protagonistas de acertar o passo com o presente vai se tornando cada vez mais evidente e claro que tal impedimento está na cultura na qual foram engendradas, pois elas são marcadas pela ruptura de dois mundos (modernidade e contemporaneidade), de duas cidades urbanas (provinciana e cosmopolita) e de suas expressões culturais diferentes.

Como as narrativas de autoria feminina da geração de Sonia Coutinho, suas protagonistas vivem o impasse e a crise, experimentam saídas diversas, mas elas, como sua autora, não têm a chave do futuro. Como será a mulher, como estará realizado seu desejo? Ultrapassarão os impasses forjados pela cultura local e ocidental? Este é um livro que não pretendendo dar respostas à crise da mulher emancipada e independente, interpreta esplendidamente os impasses, a riqueza e a complexidade das narrativas de uma excelente escritora. Vale a pena ler os livros de Sonia Coutinho e entendê-los pelos estudos analíticos de Rosana Patrício.